REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 317

11 DE OUTUBRO 1887

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A viagem real continua a ser o principal assumpto de que se occupam todos os jornaes de Lisboa. Depois de terem visitado demoradamente o Porto, os augustos viajantes partiram para Braga, onde foram recebidos com todas as demonstrações de sympathia e de enthusiasmo e onde a sua estada constitue uma verdadeira festa.

A familia real alojou-se no Grande Hotel do Elevador, no Bom Jesus do Monte e d'ahi fará seu quartel general para as differentes excursões que conta fazer pelo Norte, como por exemplo, um passeio a Guimarães, outro a Vianna do Castello, uma caçada na serra do Gerez, etc.

As festas em Braga tem sido brilhantissimas: todos os hoteis da cidade e do Bom Jesus trasbordam de hospedes, e ha muito tempo que a augusta cidade não é tão concorrida, nem apresenta similhante animação.

Todos os telegrammas dos jornalistas que acompanham El-Rei, dizem que Suas Magestades estão realmente encantadas não só com a recepção enthusiastica, que a população de Braga lhe tem feito, como tambem pelas bellezas maravilhosas do Bom Jesus, e parece que Sua Magestade a Rainha tem gostado tanto da pittoresca montanha, onde se ergue o templo do Bom Jesus, que pensa em mandar construir um chalet, para todos os annos ir ali passar uns mezes.

Oxalá que assim seja para que a corrente da moda se estabeleça para esse formoso sitio, que é um dos mais bellos e pittorescos de todo o Portugal.

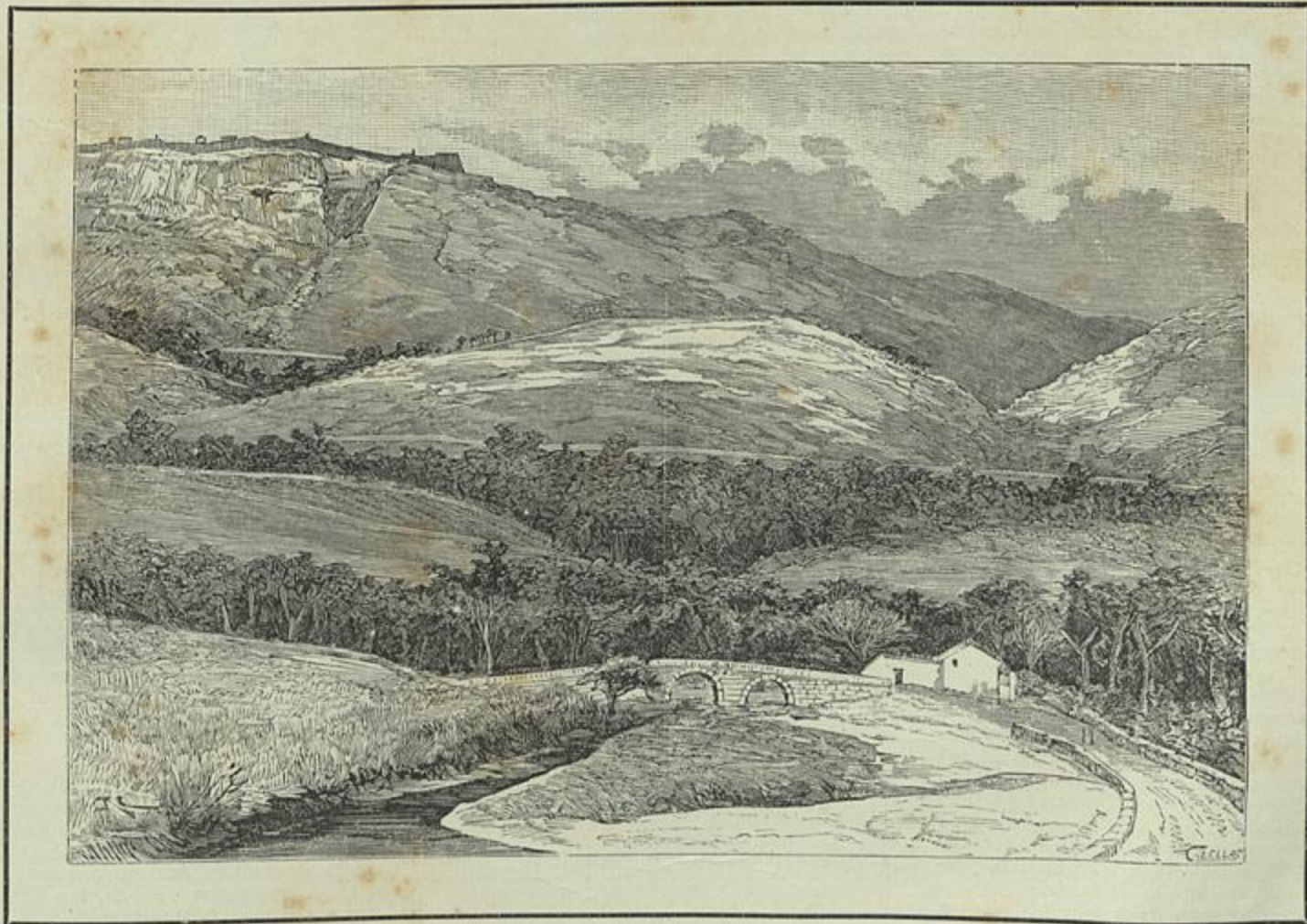
Nós somos de ha muito, desde a primeira vez que lá estivemos, dos fanaticos do Bom Jesus de Braga, e demonstramos-lhe a nossa sympathia, fugindo para lá todas as vezes, que a nossa vida tão occupada, nos permitte qualquer ligeira folga.

É que nos pontos mais pittorescos do paiz que conhecemos, não encontrámos nenhum que nos agradasse tanto como a montanha do Bom Jesus

Não negamos que Cintra seja mais pittoresca que o Bussaco seja mais grandioso com a sua gigantea e frondosa matta, mas o Bom Jesus é muito menos severo, muito menos soturno do que este, muito mais commodo do que aquella.

Cintra é formosissima realmente, mas é fatigante. Para gosar das suas enormes bellezas é preciso andar sempre n'uma roda viva, a subir as grandes montanhas, a galgar a rampa ingreme da Peninha, do Castello dos Mouros, da Cruz Alta, da Cartuxa, a fazer o longo caminho delicioso de Collares, a trepar á capella da Pena que domina o Cabo da Roca e o vasto Oceano.

Tudo isso é muito bonito, cheio de aspectos phantasticos d'uma variedade que se não encontra em mais parte alguma de Portugal, é certo; mas cança a valer e obriga a uma locomoção constante.

No Bom Jesus o touriste apenas chega á janella do hotel, tem deante de si um deslumbrante panorama; a dois passos acha-se no meio d'uma matta deliciosa, que n'uns sitios tem toda a grandeza imponente da natureza selvagem,

UMA VISTA DE MARVÃO

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Carlos A. de Sousa Pimentel)

n'outros tem a elegancia e o confortavel da natureza trabalhada pela arte do homem.

Se Sua Magestade a Rainha mandar n'essa matta construir um chalet, o seu exemplo encontrará logo centenares de imitadores, e a grande montanha do Bom Jesus em breve se encherá de chalets e de casas elegantes, como aconteceu a Cintra e a Cascaes, e esse delicioso sitio terá então uma vida animada e alegre, que lhe falta hoje.

A familia real alugou ao sr. Gomes, durante a sua estada ali, todo o Grande Hotel e suas dependencias, passando os hospedes que ali estavam a alojar-se no Hotel Hygienico, que na matta mandára edificar o mesmo proprietario, e que vimos em construcção no verão passado.

No dia 7 do corrente, Sua Magestade El-Rei acompanhado pelo Principe Real e o infante D. Affonso, chegou a Lisboa para assistir ás grandes manobras militares, que se deviam realisar na manhã do dia 8 entre Chelleiros e Sabugo. O temporal que de repente se desencadeou sobre Lisboa na madrugada d'esse dia, fez com que as manobras ficassem addiadas.

Em vista d'isso Suas Magestades e Altezas regressaram ao Bom Jesus onde as ficaram esperando, Sua Magestade a Rainha, sua Alteza a Princeza D. Amelia e o Principe da Beira.

Parece que a digressão da familia real pelas provincias do norte se demorará até ao fim do corrente mez, salvo se o inverno começar com violencia, voltando n'esse caso para a capital lá para o dia 19 ou 20.

Tem causado profunda e desagradavel impressão em todo o paiz, e sido alvo de vehementes censuras, uma circular do sr. D. José III Patriarcha de Lisboa, a todos os parochos do patriarchado, prohibindo que se façam exequias funebres por alma do fallecido homem d'estado e homem de sciencia Antonio Augusto d'Aguiar.

Quando esta noticia se começou a espalhar, pareceu tão incredivel, que muita gente a julgou um *canard*, dos muitos que de vez em quando correm ahi pela cidade, nas azas do boato.

Dentro em pouco porém soube-se que não era uma invenção de qualquer *blagueur* essa noticia; era a verdade, a simples e inverosimil verdade.

Effectivamente o sr. Cardeal Patriarcha n'um officio á Sociedade de Geographia, em resposta a um convite que esta sociedade lhe fizera para ser celebrante nas exequias solemnes que ia fazer por alma do seu chorado presidente, disse textualmente:

«Sinto do coração não poder satisfazer ao pedido da Sociedade de Geographia, que de bom grado me achará ao seu serviço sempre que em boa consciencia algum lhe possa prestar, mas foi por *tal fórma confirmado* nos funeraes de Antonio Augusto de Aguiar, que elle era *grão-mestre da maçonaria do Grande Oriente Lusitano*, e tão profundo tem sido o desgosto dos que se prezam de ser catholicos pelas publicas manifestações que então se fizeram, que não só não posso hoje auctorisar com a minha presença um novo escandalo, mas ainda *me vejo forçado a prohibil-o a qualquer sacerdote*, protestando assim contra o *desacato commetido contra as leis da egreja e a religião do Estado*.

Estava então eu fóra de Lisboa, e por isso não pude tomar conhecimento das cousas, de modo a providencial-as a tempo.»

Estas palavras de sua eminencia são bem claras e mostram que se o sr. Cardeal Patriarcha estivesse em Lisboa quando falleceu o grande e benemerito estadista, Antonio Augusto d'Aguiar não teria tido enterro Catholico, nem teria sido enterrado em sagrado.

Todos os jornaes do paiz, sem distincção de partido politico tem censurado com indignação, o procedimento do sr. Patriarcha, e a sua circular prohibitiva a todos os parochos sob as suas ordens, levantou um verdadeiro conflicto, que está ainda muito longe de ser resolvido, e que não nos parece muito prudente da parte de sua eminencia ter levantado.

Não discutimos o direito com que o sr. Patriarcha fez essa prohibição, pois apezar de sua eminencia não ter citado os artigos dos canones em que se baseia para o povo é de crêr que ella se funde em leis sacras, que nós não conhecemos: mas o que não podemos estranhar é a excepção que essa prohibição representa e os motivos perfeitamente jesuiticos em que se funda.

O sr. Antonio Augusto de Aguiar não é com certeza o primeiro maçon que morre em Lisboa e que se enterra com officios religiosos e em lugar sagrado.

Temos aqui defronte de nós um interessante artigo do illustre e erudito escriptor conimbricense, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, que nos offerece uma relação de maçons notaveis que tem sido enterrados com suffragios catholicos e sem intervenção alguma prohibitiva da auctoridade ecclesiastica.

São elles, por exemplo, o conselheiro Manuel Gonçalves de Miranda, fallecido no Porto em 5 d'abril de 1841; o visconde d'Oliveira, Marcelino de Azevedo e Mello, fallecido no Porto em 13 de julho de 1853; o conselheiro José da Silva Carvalho, fallecido em Lisboa em 1856; o conego da sé de Lisboa, Eleutherio Francisco Castello Branco, que era grão mestre da maçonaria; José Estevão, fallecido em Lisboa em 1862; o conselheiro Frederico Guilherme da Silva Pereira, fallecido em 1871; o duque de Loulé, fallecido em 1875, e a quem se fizeram exequias solemnes em Lisboa, prégando o padre Garcia Diniz, no Porto, prégando o mesmo sacerdote, e em Coimbra prégando o padre Antonio Candido.

É verdade que a respeito d'estes maçons, a quem a egreja não recusou os seus suffragios e as suas orações, póde o sr. Cardeal D. José III dizer que n'esse tempo não era patriarcha de Lisboa, e que não póde responder pelos actos dos seus antecessores; do mesmo modo, e com mais razão, que a respeito do enterro religioso de Antonio Augusto de Aguiar, diz que não estava em Lisboa, não tomando a responsabilidade dos actos da pessoa que deixára fazendo as suas vezes, e censurando-a até publicamente, de ter deixado commetter um *escandalo, um desacato contra as leis da Egreja e da religião do Estado.*

Mas não pára aqui, infelizmente para o sr. patriarcha D. José III, a relação do sr. Martins de Carvalho; tem mais nomes ainda: tem o nome do conselheiro José da Silva Mendes Leal, que fôra grão mestre da maçonaria, que morreu em Cintra em 1886, e a quem fizeram officios religiosos, que foi enterrado em sagrado, e por quem se resaram 30 missas; tem o nome do chorado e inolvidavel estadista Fontes Pereira de Mello, que era *Chanceller do Grande Oriente Escocez*, que morreu em 22 de janeiro d'este anno, e por quem se fizeram grandes exequias em Lisboa, na egreja das Mercês, prégando o reverendo prior dos Martyres, o dr. Santos Viegas, e no Porto, e n'outras cidades do reino.

E em 1886 e em 1887 já era patriarcha de Lisboa o sr. D. José III.

Porque foi então que sua eminencia não se oppoz a essas exequias solemnes, a esses suffragios, a esses *desacatos commettidos contra as leis da Egreja e da religião do Estado,* como agora chama ao enterro em sagrado e ás orações funebres, ditas sobre o cadaver de Antonio Augusto de Aguiar?

Nós não discutimos o direito, com que o sr. patriarcha fez a prohibição actual; acceitamol-a como um acto perfeitamente justo, perfeitamente sensato, perfeitamente evangelico; mas o que é evidente é que se o sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa cumpre hoje o seu dever de prelado, quando morreu o conselheiro Mendes Leal, quando morreu o conselheiro Fontes Pereira de Mello, o sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, faltou como prelado aos seus deveres, ou se então não faltou, falta hoje.

D'aqui não ha a sair senão por uma porta jesuitica que sua eminencia abre no seu officio á Sociedade de Geographia, n'estas cinco palavras *foi por tal fórma confirmado.*

Quer dizer, se o sr. Antonio Augusto d'Aguiar fosse maçon—mas sem dar nas vistas—sem *por tal fórma* se saber, não havia duvida alguma em fazer-lhe ruidosas exequias; mas como se sabe que o era, nem uma missa resada. O mal não está portanto em ser-se *maçon*, está em constar que se é: e segundo as theorias de sua eminencia no seu desgraçado officio—a hypocrisia é uma virtude que faz perdoar todos os peccados.

Affigura-se-nos que ha muito tempo não se levante em Portugal questão religiosa mais imprudente e inhabil do que esta, e que a prohibição do sr. Cardeal Patriarcha é um tristissimo documento.

Gervasio Lobato.

A FAMILIA REAL NO NORTE DO REINO

II

Na segunda feira 26 de setembro a familia real principiou por visitar a exposição industrial installada no Palacio de Crystal.

Se bem que esse certamen não fosse de modo algum a expressão genuina do verdadeiro desenvolvimento de todas as forças do trabalho nacional, ainda assim achavam-se n'ella representadas perfeitamente algumas das nossas industrias, taes como as de artefactos de malha, de tecidos de algodão e seda, devendo especialisar-se os excellentes damascos fabricados tanto no Porto como em Braga, de chapellaria, de fundição, de ceramica, de luvaria, de marcenaria e de ourivesaria.

N'esta ultima secção, a rainha e a princeza D. Amelia admiraram muito os delicadissimos trabalhos de filigrana, executados, como é sabido, por artistas dos arredores do Porto e que constituem uma verdadeira especialidade da ourivesaria portuense.

Suas Magestades e Altezas mostraram igual interesse por outras industrias que já rivalisam com identicas estrangeiras, quer em preço, quer em perfeição de fabrico.

Ao examinarem os excellentes artefactos de lã, fabricados pelo sr. Francisco Luiz de Almeida, de Lordello de Ouro, este industrial offereceu a el-rei dous magnificos cobertores de lã, para leito, indo no dia seguinte ao Paço, entregal-os. Por essa occasião Sua Magestade apertando affectuosamente a mão do referido industrial, significou-lhe o seu agradecimento pelo brinde que lhe fazia, dirigindo-lhe ao mesmo tempo palavras de subido louvor pela irreprehensivel execução dos seus productos.

A familia real visitou tambem a secção de bellas-artes, que era, infelizmente, de uma pobreza desoladora, destacando-se n'ella apenas algumas bonitas aguarellas de amadores de Lisboa e Porto.

O sr. visconde da Trindade offereceu a el-rei e ao principe real dous pequenos quadros. Este ultimo adquiriu por 12$000 réis uma interessante aguarella do sr. Ricardo Hogan, intitulada «Sahida á noute do theatro de D. Maria».

Por ultimo a familia real visitou a secção de marcenaria onde estavam expostas diversas mobilias, entre ellas, as baratissimas da fabrica a vapor dos srs. Pinto Couto & C.ª. Por essa occasião o sr. Luiz Pinto do Couto apresentou a el-rei uma engenhosa cadeira de sua invenção, destinada principalmente a theatros. Essa cadeira é de tres lugares, embutindo-se os dous lateraes, por um processo simples, no do centro.

Assim em momento de perigo em qualquer casa de espectaculo, as coxias ficam consideravelmente ampliadas, dando maior espaço para a rapida evacuação da sala.

Sua Magestade apreciando devidamente esse invento, agraciou com o habito de Christo o seu author, o sr. Pinto do Couto.

Da exposição industrial os illustres personagens dirigiram-se ao Museu Industrial e Commercial, onde foram recebidos pelos srs. Oliveira Martins, um dos directores do Museu, Joaquim de Vasconcellos, conservador e conselheiro Madeira Pinto, director geral do Commercio e Industria.

O referido Museu, que é interessantissimo não só pelos productos nacionaes e estrangeiros que alli se exhibem, mas tambem pelo methodo e ordem com que estão dispostos, foi muito apreciado pela familia real, que dirigiu palavras de merecido louvor ao incansavel e talentoso conservador o sr. Joaquim de Vasconcellos, que durante a visita dera as informações que Suas Magestades desejavam obter ácerca de varios productos expostos.

Os manequins com os curiosos trages populares de Aveiro, Minho, Miranda do Douro e Serra da Estrella, captivaram sobremodo a attenção de Suas Magestades e Altezas, e o mesmo interesse lhes mereceram diversas industrias portuguezas, taes como as de tecidos transmontanos, as rendas de Peniche, Algarve, Villa do Conde, e Vianna, a serralheria de Bragança e Mirandella, as alfaias agricolas de algumas nossas provincias, etc. Os regios visitantes examinaram igualmente a collecção de desenhos das escolas industriaes que se acham dispostos na galeria.

Os monarchas retiraram-se plenamente satisfeitos com o que tiveram occasião de vêr.

A noite realisou-se o espectaculo de gala no theatro de S. João, representando a companhia do actor Taveira a comedia *Clara Soleil*. A entrada da familia real no camarote, a orchestra, que de passagem se diga, era de uma mesquinhez de instrumentos inacreditavel, executou o hymno nacional, erguendo o presidente da camara os vivas do estylo.

Nos camarotes, além das auctoridades, viam-se algumas familias da primeira sociedade portuense.

A familia real retirou-se no fim do 2.º acto, sendo á sahida calorosamemte victoriada no atrio por um grande grupo de espectadores que ahi a aguardava.

Essas manifestações prolongaram-se ainda até ao paço, onde a carroagem real foi acompanhada por muitos populares dando estrepitosos vivas.

No dia 27 realisou-se a excursão ás obras do porto de Leixões.

Foi essa sem duvida uma das festas mais bellas a que os regios viajantes assistiram.

A familia real partiu da estação da Boavista (caminho de ferro da Povoa) á 1 hora e meia da tarde, tomando lugar no comboyo além dos ministros e comitiva, diversas auctoridades e corporações do Porto.

Na estação da Senhora da Hora, onde a linha da Povoa se cruza com a de serviço de Leixões, havia um arco revestido de murta e flores, agglomerando-se ahi grande multidão que acclamava os monarchas.

As auctoridades do conselho de Bouças, incluindo o deputado do circulo, depois de dirigirem os seus cumprimentos a Suas Magestades n'essa estação, entraram tambem no comboyo, que começou d'ahi a pouco a serpentear em uma rampa muito ingreme o elevado monte de S. Gens, de onde se extrahe a pedra para as obras de Leixões.

Galgada a montanha, onde havia um arco de murta e um pavilhão formado de bandeiras em que tocava uma phylarmonica, deparou-se aos olhos dos regios excursionistas um espectaculo deveras surprehendente.

Os centenares de operarios que se empregam nas pedreiras estavam todos entregues aos seus variados trabalhos, e no meio de toda esta actividade o comboyo ladeava vagarosamente o monte para dar ensejo a observar-se o dilatado panorama que d'alli se avista.

O povo das freguezias circumvisinhas, já reunido em grandes grupos, ou trepando ainda pelas encostas, completava a animação d'este quadro explendido.

Na descida do comboyo os operarios, postados nos sitios onde trabalhavam, erguiam enthusiasticos vivas á familia real, á prosperidade da patria e á empreza do porto de Leixões, estrondeando ao mesmo tempo innumeros foguetes.

Em Mattozinhos a concorrencia, quer de habitantes da localidade quer de banhistas era consideravel, atravessando o comboyo por meio de alas compactas de gente que acclamava febrilmente a familia real.

Esta seguiu para o molhe do sul onde sobresahia o formidavel Titam adornado de bandeiras. Por entre o estrondear dos foguetes e os sons de uma musica, a familia real assistiu á collocação no muro de abrigo de uma pedra em que estava gravada, em letras de ouro, a seguinte inscripção: «27 de setembro de 1887—Visita de el-rei D. Luiz.»

Depois o Titam patenteou os prodigios do seu poderoso mecanismo, erguendo um wagonete carregado de calhaus do peso de dez toneladas metricas e arrojando-os ao fundo do mar.

A todas estas operações esteve presente um dos empreiteiros, o sr. Bartissol, bem como o engenheiro director dos trabalhos o sr. Wiriot, que davam a el-rei as explicações relativas ás diversas obras.

D'alli seguiu a familia real para o molhe norte, onde foi collocada no muro de abrigo outra pedra com inscripção identica á do molhe sul, erguendo tambem o segundo Titam, e lançando-o ao mar, um bloco artificial com os seguintes dizeres: «Bloco collocado na presença de el-rei D. Luiz e de sua augusta familia no dia 27 de setembro de 1887».

N'esta occasião el-rei chamando o sr. Bartissol agraciou-o com o titulo de visconde.

A banda de infanteria 10 executou durante estes trabalhos o hymno nacional, e o pessoal das obras ergueu ruidosos vivas.

Ao mesmo tempo que isto se passava em terra, no mar agglomeravam-se numerosos barcos de pesca e escaleres e do rebocador *Galgo*, que tinha a seu bordo muitos membros da colonia ingleza, irrompiam repetidos «urrahs» que se cruzavam com os outros «vivas» dos tripulantes das embarcações.

Seguiam-se o lunch, servido em um elegante pavilhão, tomando lugar na meza real além dos personagens de caracter official, os srs. conselheiro Barjona de Freitas e Bartissol.

Duas outras extensas mezas destinavam-se aos restantes convidados.

Terminada a refeição, a familia real regressou ao Porto nos seus trens.

Em Mattozinhos, havia um arco de murta, e os illustres excursionistas foram alvo de novas demonstrações de sympathia, mas onde essas provas de affecto tiveram um caracter mais accentuado foi na Foz, onde se viam as janellas adornadas com colchas de damasco e apinhadas de senhoras.

Ao chegar a carruagem real ao Passeio Alegre, fel-a parar uma numerosa concorrencia de senhoras e cavalheiros da primeira sociedade, que alli estacionava juntamente com muito povo.

As flores e os ramilhetes choveram então sobre Suas Magestades e Altezas e um grupo de damas offereceu lindissimos *bouquets* á rainha e á princeza Amelia. A ovação foi indescriptivel.

A comitiva continuou depois o seu caminho para o Porto, acompanhando-a numerosos trens em que iam muitas das senhoras e cavalheiros que tinham tomado parte na manifestação que só terminou defronte do paço, ás janellas do qual appareceram as pessoas reaes para agradecerem tão festivas saudações.

O dia, tão encantadoramente passado, não podia terminar melhor.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

MARVÃO

Sobre a escarpada serra de Marvão, que faz parte da serra de Portalegre, está assente a villa de Marvão, antiga praça d'armas da provincia do Alemtejo e quasi fronteira com Vallença de Alcantara na Extremadura hespanhola, da qual dista 12 killometros a O.

É praça quasi inexpugnavel, mais pela sua defesa natural que pela arte, pois collocada nas alturas da serra, n'uma elevação de 250 metros acima do nivel do mar, é completamente inaccessivel pelo Norte, Sul e Oeste, subindo-se pelo lado de Leste por duas ladeiras ingremes e de difficil transito.

Villa antiquissima, é attribuida a sua fundação aos *herminios*, povo que se apartou dos *herminos maiores* habitantes da serra da Estrella, no tempo dos romanos, e que para alli foram 44 annos antes da era de Christo.

Devia então ter o nome de *Aramenha*, corruptella de *hermenho* que os romanos alatinaram em *herminio*, e que quer dizer aspero, rude, desabrido etc., o que não deixa de ter propriedade applicado ao logar em que fundaram a povoação. Tambem se diz que o primeiro nome d'esta villa fôra *Medobriga;* mas ha bons fundamentos para crêr que a povoação se fundou antes sobre as ruinas de *Medobrica*, celebre cidade romana que desappareceu, e que muitos objectos romanos, amphoras e outros vasos, assim como restos de edificações subterradas, encontradas nas imediações de Marvão, fazem suppor fosse aqui.

Que existiu n'aquelle lugar alguma povoação romana, mais ou menos importante, é caso fóra de duvida, porque lá está a attestal-o, além dos objectos encontrados com frequencia, os restos de uma ponte romana, que passa por sobre o rio *Aramenha*, ao sopé da serra e da villa, e que se póde vêr na nossa gravura.

Quando em 715 os mouros invandiram a Lusitania, parece que *Aramenha* soffreu grande destroço e que os seus habitantes se refugiaram no alto da serra, onde se deixaram ficar. Parece tambem que Maruan ou Marvan mouro africano estabeleceu alli uma povoação a que deu o seu nome que depois se transformou para o de Marvão que hoje tem.

Foi em 1166 que D. Affonso Henriques tomou aos mouros Marvão, e D. Diniz lhe mandou fazer o castello e cerco de muralhas, em 1299. Esse castello e essas muralhas veem-se na gravura coroando a serra.

D. Sancho i deu-lhe o primeiro foral em 1226, e el-rei D. Manuel renovou o foral em 1512.

Marvão está situada, como já dissémos, no alto da serra do mesmo nome, 12 kilometros ao N. E. de Portalegre, 6 kilometros ao S. E. de Castello de Vide e 180 ao S. E. de Lisboa. Tem 360 fogos com cerca de 1:400 habitantes.

É terra saudavel e productiva, tendo muitas minas de metaes e de crystal, que em epocas remotas foram exploradas, o que se encontra em toda a serra.

Duas grandes cisternas, que existem dentro da villa, fornecem a agua necessaria aos habitantes, tendo uma d'ellas capacidade para fornecer agua durante seis mezes a toda a povoação.

Não tem monumentos nem edificios notaveis a admirar, mas a sua fortaleza é das melhor construidas que se encontram no reino, e durante a guerra da independencia, (1640 a 1628) fizeram-lhe grandes obras, que a melhoraram consideravelmente.

O seu brazão d'armas é: em campo azul um castello de ouro, e sobre este o escudo das quinas entre duas chaves.

Os condes da Atalaya (marquezes de Tancos) eram alcaides-mores hereditarios da praça de Marvão.

Esta villa e suas emediações é um verdadeiro thesouro de archeologia, pois se tem lá encontrado com frequencia, alem de vasos romanos, a que já nos referimos, muitas medalhas, inscripções e outros objectos de grande valor historico e scientifico.

N'um paiz em que se cuidasse mais d'estas cousas, ja alli se teriam feito largas explorações por ordem do governo, e estamos certos que se teriam recolhido grandes preciosidades para os nossos museus tão pobres.

CEIÇA

CAPELLA DE NOSSA SENHORA E MOSTEIRO

UMA LENDA

Ceiça ou Santa Maria de Ceiça, é uma pequena povoação situada em uma planicie cercada de montes, proxima das margens do Mondego, da Figueira e de Tentugal.

É logar muito aprazivel e pittoresco, como quasi todos os suburbios do formozo Mondego, e de mais notavel em edificios apenas se lhes encontra a Capella de Nossa Senhora e o convento arruinado, que fazem o assumpto das nossas gravuras, cópia de duas bellas photographias que devemos á obsequiosidade do sr. Carlos Augusto de Sousa Pimentel que nol-as offertou.

Será, pois, d'estes dois edificios que nos occuparemos.

A Capella de Nossa Senhora, foi a que primeiro alli se edificou, e segundo consta pela tradição, foi construida nos annos de 850, reinando D. Ramiro ii de Leão.

Não é, porém, a primitiva capella a que hoje lá se vê e que a nossa gravura reproduz. A primitiva capella entrou em ruina e foi mandada demolir, segundo diz a lenda, pelo abbade Manuel das Chagas, em consequencia da imagem de Nossa Senhora, que havia na dita capella, ter sido mudada, por ordem do mesmo abbade, para o mosteiro que aquelle tempo já existia, e como a imagem tornou a apparecer na sua capella tantas vezes quantas a mudaram, elle mandou proceder á mencionada demolição, para assim contrariar tanta insistencia.

Mas de nada valeu esta resolução porque, continuando ainda a lenda, a imagem appareceu então na locca de um carrasqueiro que existia proximo da capella demolida, e isto convenceu por uma vez o abbade Manuel das Chagas que eram inuteis os seus esforços.

Resolveu, então, edificar nova capella no mesmo logar da antiga, e o novo edificio, em fórma octogna e mais elegante e maior que o primitivo, é o que ainda existe e se vê na gravura.

Com respeito ao convento, tem elle uma historia não menos interessante que prende com a historia da capella, como se verá.

D. João filho natural de D. Fruella i de Leão e irmão de D. Bermudo, *o diacono*, e de D. Affonso, o *catholico* e tio de D. Ramiro i, era cavalleiro da corte de Leão e soldado experimentado na guerra, em que mostrara sempre grande valor.

Depois de ter pelejado nos campos de batalha, sentiu-se afadigado de tantas luctas, e o seu animo inclinado á meditação e socego da clausura, para o que se recolheu ao mosteiro de Lorvão, onde tomou o habito de monge de S. Bento.

A sua conducta exemplar valeu-lhe em pouco o ser elevado a abbade por eleição, celebrada em presença de seu sobrinho D. Ramiro i de Leão e que ao tempo alli se encontrou.

Este mesmo rei vendo a extrema penuria a que se achava reduzido o mosteiro de Lorvão, pelas continuas guerras dos mouros por que aquella terra tinha passado, fez-lhe grandes doações e entre ellas a da villa de Monte-mór-o-velho com todos os seus direitos e pertenças, com obriga

ção dos monges d'este mosteiro manterem no castello a guarnição necessaria para a defeza.

Os monges cumpriram tanto á risca esta obrigação, que o proprio abbade D. João se passou com alguns monges, para aquella fortaleza, que logo tratou de armar convenientemente e de prover de soldados, nomeando alcaide-mór da mesma, a seu sobrinho D. Bermudo, esforçado cavalleiro.

Começa aqui o mais interessante da lenda.

Não tardou muito que os mouros viessem dar novo assalto a Monte-mór-o-velho e pozessem apertado cerco ao seu castello. Vinha entre elles um tal Garcia Janhes, que fôra creado pelo abbade João, e que se passára para os mouros, renegando a fé christã e tomando o nome de Zulema.

Este renegado tornou-se o mais incarniçado inimigo dos christãos, e como conhecia bem o terreno e o castello, aconselhou os seus sobre o modo de fazerem o cerco, que este se estabeleceu de maneira a cortar completamente todas blia, haviam-se os sacrificados e os sacrificadores confessado e commungado de madrugada.

Depois de feita esta espantosa carnificina, sahiram os sitiados do castello a dar batalha ao inimigo, sem esperança de victoria, attenta a grande desegualdade das forças; mas ainda d'esta vez a providencia não desamparou os christãos, e o abbade João, apesar da sua avançada idade, não desmentiu o seu valor d'outr'ora, e revivendo as suas antigas forças, foi o que mais estragos fez ao inimigo, animando os seus com o exemplo, devastando com o seu montante tudo que encontrava na sua frente, sem que houvesse resistir-lhe ao vigor do seu braço.

Uma das victimas que primeiro cahiu aos seus golpes foi Zulema, o ingrato pupillo que elle creara, e esta morte influiu consideravelmente no animo dos infieis, que o tinham por seu guia na dura peleja, perdendo a força moral que os encorajava e principiando a perder terreno.

Por outro lado os christãos cresciam animosos sobre elles, e de tal fórma que os mouros vendo-se perdidos, corriam em desordem emquanto outros cobriam o campo com os seus cadaveres.

PORTO — Claustro da Sé, pateo interior

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

as relações da fortaleza com o exterior e vice versa.

Inutilmente Theodorico, abbade de Lorvão, tentou reforçar a guarnição da fortaleza, e fornecel-a de comestiveis que lhes permittissem resistir á fome os seus defensores.

N'estas circumstancias a lucta foi desesperada porque, além dos mouros serem numerosos e os christãos muito poucos, veiu ainda a fome tornar mais aniquiladora a posição dos sitiados.

Deu-se então um espectaculo medonho que, se revela a abnegação e coragem dos christãos, não evidenceia menos a barbarie d'aquelles tempos, em que tão pouco caso se fazia da vida, e as guerras eram perfeitas carnificinas, sem treguas nem respeito pelos vencidos.

Os sitiados resolveram sahir da situação em que se achavam a troco dos maiores sacrificios.

Principiaram por queimar tudo quanto tinham para que o inimigo d'elle se não apossasse. Levaram mais longe ainda o desespero. Degolaram quantos havia no castello, homens e mulheres, que pela idade ou fraqueza não se podiam defender do inimigo, e n'este ponto o abbade João foi o primeiro a dar exemplo, degolando sua propria irmã D. Urraca.

No dia em que se consumou este enorme sacrificio, só similhante aos de que nos falla a Bi-

Procuravam refugiar-se nas brenhas da outra margem do Mondego, e invadiam as pontes que haviam feito, e se afundavam com ellas, que se desconjuntavam vergadas ao pezo da enorme invasão.

Mas ainda aqui não pára a furia dos vencedores. O terror dos mouros alentava cada vez mais os christãos, e estes não paravam na sua guerra de exterminio aos infieis.

De nada valeu aos vencidos o embrenharem-se no matagal de além do Mondego; alli mesmo foram perseguidos com sanha e mortos sem piedade, e tanto os retalhava as lanças e montantes dos perseguidores, como os espinhos e as urzes do matto que cegamente atravessavam.

O cançasso, porém, era já grande, e os poucos inimigos que restavam haviam-se refugiado nas brenhas denominadas *Alcoubas,* distantes já quatro leguas do campo do primeiro combate. Então ouviu-se a voz do abbade João, que até alli tinha incitado os seus á peleja, dizer *cessa, cessa,* e os christãos ficaram-se.

Encontravam-se n'esse momento em uma planicie cercada de montes, e n'ella descançaram da enorme lucta.

Passaram alli a noite, e na madrugada do dia seguinte, chegaram á planicie portadores de boas novas que vinham da villa a participar que os desgraçados que na vespera tinham sido degolados, estavam vivos, sãos e escorreitos, com grande pasmo e admiração de todos.

Este caso foi tomado á conta de milagre, que encheu de alegria os christãos, e tal impressão fez no abbade João, que este resolveu ficar no logar em que recebeu tão grata noticia, e com elle alguns companheiros lhe seguiram o exemplo.

O abbade João resolvido a acabar alli os seus dias, mandou edificar uma capella de modesta fabrica, que dedicou á Virgem. É esta capella a que nos referimos no principio d'este artigo, fundada em os annos 850 em que se passou o que segundo a lenda, acabamos de referir.

Os companheiros do abbade João que com elle ficaram, sujeitaram-se á regra de S. Bento, e sob a direcção do abbade que acceitaram por superior, estabeleceram-se em communidade, vivendo nas grutas que nos montes haviam, e assim se fundou o mosteiro de Ceiça.

Cabe aqui o dizer-se que Ceiça é corruptella de *Cessa,* primeiro nome que parece ter tido aquelle sitio, originado pelas palavras *cessa, cessa,* que o abbade João pronunciara, quando alli mandou fazer alto aos seus guerreiros.

Decorreram dois seculos e D. Affonso Henriques tinha estabelecido a nacionalidade portugueza, conquistando palmo a palmo este paiz aos mouros.

Por 1165 estava o fundador da monarchia em Coimbra, quando se sentiu adoentado, e os phisicos lhes aconselharam que tomasse banhos do mar.

Para esse effeito poz-se a caminho da Figueira, mas passando por Ceiça e no logar onde existia a capella de Nossa Senhora, ahi se sentiu melhor dos seus encommodos e se deteve, entrando no pequeno templo e conversando com um monge que lá encontrou.

Soube da bocca do monge toda a lenda que temos referido, e tal impressão fez no monarcha que o moveu a mandar construir um mosteiro n'aquelle sitio, e assim se edificou o mosteiro de Ceiça.

Concluida que foi a fabrica vieram monges de Lorvão estabelecerem-se no mosteiro, e com elles veiu D. Frei Payo Egas que o rei nomeou abbade.

Passados poucos annos reconheceu D. Affonso

CEIÇA — Capella de Nossa Senhora
(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Carlos A. de Sousa Pimentel

CEIÇA — Ruinas do Mosteiro
(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Carlos A. de Sousa Pimentel)

Henriques quanto era pequeno o edificio que mandára construir, e por isso o mandou alargar, obra que não viu concluida, porque a morte o surprehendeu antes, mas a que seu filho D. Sancho poz remate.
Foi tambem D. Sancho I que fez adoptar a ordem de S. Bernardo n'este mosteiro, ordem estabelecida em Portugal pelo abbade João Cirita em 1030.
O mosteiro de Ceiça, que nunca foi edificio sumptuoso, consuante a simplicidade dos tempos em que foi fundado, soffreu entretanto varias reedificações, até que cahiu em ruina.
Quando em 1833 foram extinctas as ordens religiosas já o convento estava bastante arruinado, e foi parte vendido, ficando só a cêrca, egreja e sachristia na posse do Estado.

PONTE PEDRINHA

Ponte Pedrinha é um logar muito pittoresco, que se encontra na estrada que de Lisboa vae a Bellas pela Porcalhota.
Tem algumas casas de boa construcção e que são a residencia de algumas familias de Lisboa, durante o estio.
Sobre um ribeiro que corre de Norte a Sul está a ponte de antiga construcção. Por sobre esta ponte ha um arco do aqueducto das aguas livres que se prolonga desde Lisboa até Bellas, onde principia.
O novo caminho de ferro de Lisboa a Cintra passa em Ponte Pedrinha, tendo logo adiante um apeadeiro.
A nossa gravura é copia de uma photographia do sr. Augusto Lamarão, photographo amador muito distincto, e que obsequiosamente nol-a cedeu.

CLAUSTRO DA SÉ DO PORTO

A sé do Porto, cuja fundação remonta aos tempos anteriores á monarchia, foi completamente reedificada, nos fins do seculo XI, pelo Conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza, habitando esta soberana um palacio, que mandou edificar proximo d'esta egreja e para a qual communicava por umas escadas, que existem ainda hoje e conservam o nome de *Escadas da rainha*.
Em diversas epochas posteriores soffreu este templo reconstrucções parciaes, que, feitas em harmonia com o genero de architectura na occasião dominante, deram em resultado apresentar hoje este edificio uma variedade de typos architectonicos.
De gothico puro é o claustro, que a gravura representa, um specimem com todas as feições caracteristicas d'este estylo.
Deu-lhe começo, no anno de 1385, o bispo, que então se sentava na cadeira episcopal, D, João, 3.º de nome, um dos prelados mais illustres d'esta Sé. Para esta obra concorreu a camara do Porto, segundo consta d'um documento existente no cartorio da mesma camara, com mil pedras lavradas, em reconhecimento dos serviços prestados á cidade pelo referido prelado.
Este claustro está situado na parte sul da egreja, correndo encostado a este um dos lanços com duas portas que lhe dão communicação. É quadrado, em lances formados cada um de quatro arcadas, e divindindo-se cada uma d'estas em tres arcos mais pequenos, sustentados por columnas duplas, menos as duas arcadas do meio, no lanço do lado da egreja, que são abertos em toda a sua largura, de modo a darem amplo accesso para o recinto central, onde se hasteia uma cruz, cuja construcção é devida ao bispo D. Gonsalo de Moraes, nas refórmas que mandou fazer n'este claustro em 1609.
Em todas as arcadas abre-se no tympano um oculo vasado interiormente em chanfro. Toda a galeria é coberta por abobadas de pedra com artezões que descançam nos intervallos das arcadas sobre pilares a que se encostam cinco columnas eguaes ás dos arcos.
Ao correr dos lanços existem diversas portas reconstruidas, que dão communicação para a sacristia, para o primitivo claustro de fabrica simgela e irregular, para a galeria superior e para outras varias dependencias; além de quatro capellas consagradas a diversas imagens, sendo uma d'elles a N. S. da Saude onde ha um carneiro para jazigo dos bispos, mandado fazer por D. Gonsalo de Moraes.

As paredes interiores são revestidas inteiramente d'azulejos, representando quadros allusivos a passagens da Escriptura Sagrada.
Superiormente ao lanço do lado da egreja fica um terrado descoberto com varanda, e sobre os outros lances corre uma galeria com tecto de madeira apainelado, sustentado por columnas d'ordem dórica.
É obra mais moderna do que os lances inferiores e pertence ás reconstrucções feitas pelo bispo D. Gonsalo de Moraes.

Claro Outeiro.

O INFANTE D. HENRIQUE

(O GRANDE NAVEGADOR)

I

Logo que em Portugal foi celebrado o tricentenario do nosso grande Camões, uma singular revivescencia se tem feito nos descendentes dos civilisadores luzos.
As conferencias publicas seguiram-se em breve os seus resultados: a creação de escolas; museus; desenvolvimento commercial e industrial do paiz; nova legislação sobre o regimen agricola; tratados de commercio com estados que não haviam relações comnosco; travessias arrojadas em prol da sciencia e do bom Nome Portuguez; premios creados por el-rei para incentivo da litteratura nacional; e ultimamente a apparição do assombroso livro *Historia da Luzitana e da Iberia*, é tudo prova cabal de quanto frutificou a semente vivificante do tricentenario do glorioso epico.
Comtudo um dos nossos maiores que Luiz de Camões mais justa e enthusiasticamente elevou, e em cujos feitos o genial auctor dos *Luziadas* mais se inspirou, foi incontestavelmente o infante D. Henrique.
O infante D. Henrique, o nosso infatigavel navegador! Que nome tão sonóro aos ouvidos portuguezes!
Quanta gloria para a marinha nacional se não resume n'este nome do infante D. Henrique!
A patria honrae que a patria vos contempla, é o lemma que se inscreve na poupa dos nossos navios de guerra!
Quem mais honrou a patria, quem mais a levantou, fez respeitar e tornou a nossa marinha a primeira do mundo preparando-a para a conquista da India, por mares nunca d'antes navegados?
Quem tornou mais honroso Portugal, como nação maritima e guerreira, do que o filho de D. João I?
Obreiro infatigavel do grandioso edificio da nossa nacionalidade, é, o glorioso navegador, como Camões, o mais seguro esteio da nossa nacionalidade.
Chegou a hora de se levantar um monumento ao infante D. Henrique.
Sem elle, nós não teriamos o orgulho, o mais fortificavel perante a historia, do descobrimento da India, talvez não possuissemos Vasco da Gama, —isto é, como personalidade historica—e mesmo Camões nunca teria encontrado o grande assumpto dos *Luziadas*.
Chegou a hora de se celebrar o quarto centenario do infante D. Henrique de Portugal, levantando-lhe á entrada do nosso primeiro porto um monumento immorredouro.
A nação portugueza ainda não pagou a sua divida de gratidão a esse homem extraordinario; a esse infante de Portugal, que renunciou aos contagios de uma côrte brilhante e guerreira, para ir morar no angulo sudoeste da mais antiga parte do mundo:—porque o arido e triste visinho do cabo de S. Vicente é o angulo extremo da Europa atlantica.
E os austeros penhascos do promontorio de Sagres, contrastam, tão evidentemente com o clima alegre e festivo de Portugal, como o caracter frio e severo do infante navegador contrastava com a côrte donairosa de el-rei D. João I.
N'esse sitio agreste, o mar parecia rugir n'um clamor heroico o seu mais secreto e intimo pensamento:—*India! India!*—e o grande navegador cuidava vêr, na resaca espumante, como que um desafio sarcastico á sua recondita ambição generosa, de glorificar o seu paiz, cortando n'um impavido galleão nacional, aquella *linha azul*, que elle via... lá muito ao longe... intangivel e recta como a vida do infante, o melhor dos Homens Bons d'aquelle seculo.

*

O infante D. Henrique de Portugal, depois da porfiada e gloriosa tomada de Ceuta e no regresso a Tanger, foi estabelecer-se no promontorio de Sagres, onde, segundo o seu contemporaneo Azurara, edificou a sua *Tercena* Nabal.
Por este tempo já o infante, era conhecido na Europa como notavel cabo de guerra.
O papa Martinho V convidou-o, diz Azurara, para commandar os soccorros militares, pedidos pelo imperador grego Manuel Paleologo, contra os turcos; o rei de Inglaterra Henry V e o rei D. João II de Castella, offereceram-lhe o commando de seus exercitos; o imperador da Allemanha, Segismundo de Luxemburgo, guerreiro notavel, dirigiu, no concilio de Constança, aos embaixadores da côrte de Portugal os maiores elogios á temeridade do infante no assalto de Ceuta, e propoz a estes, para D. Henrique, o generalato dos exercitos imperiaes.
Por isto se vê que Portugal sendo a mais antiga nação civilisada da Europa, só tomou o seu logar de grande potencia maritima depois dos audaciosos feitos do mais glorioso navegador portuguez.
Só attendendo, n'um estudo minucioso e proficuo, ao estado de trevas em que por então se encontrava a arte de navegar, se poderá bem comprehender o valor do infante D. Henrique, e o arrojo dos seus commettimentos nas pesquizas do caminho para a India. As derrotas eram *estimadas;* não se conhecia o que vinha a ser uma singradura pela altura meridiana do sol; a bussola era de quasi nulla confiança; a navegação quasi toda *costeira;* nem sequer se fazia uma ideia d'este distico tão vulgar, hoje, nos diarios nauticos:—*Differença do Sol á barca*—por isso que ninguem se arriscava a perder de vista a terra.

Diz João de Barros, o celebre auctor das *Decadas*, referindo-se ao atraso da arte nautica que vimos de indicar:—«Os marinheiros n'aquelle tempo não eram acostumados a se engolphar tanto no peguo do mar, e toda a sua navegação era por singraduras sempre á vista de terra».
Teve portanto o nosso infante D. Henrique, de construir os navios para a sua gigantesca empreza, fazer ou inventar os instrumentos nauticos, ensinar os pilotos e estudar roteiros antiquissimos.

(Continúa). *Manuel Barradas.*

SCENAS DA VIDA RUSTICA

A NETA DO TIO TORQUATO

(Continuado do n.º 315)

X

Oito dias depois d'esta entrevista recebia eu uma carta do Cardal, em que o avô de Izabel me dava conta do resultado das operações estrategicas, que tinhamos combinado. O negocio ia n'um sino, dizia elle, e inteiramente conforme os nossos desejos. O compadre Joaquim Manoel fallara ao deputado na pretenção do joven sargento, que foi logo apresentado ao illustre tribuno, o qual se compromettera a protegel-o junto do ministro da marinha, que para maior felicidade do pretendente não podia, segundo o eleito do povo affirmava, negar-lhe coisa alguma n'aquelle momento. O requerimento já dera entrada na Secretaria, e esperava-se um prompto despacho.
Torquato não cabia em si de contente, e a estas informações accrescentava alguns commentarios: «Eu disse-lhe sempre que o rapaz não era boa peça, e não lhe mentia. Já se vae descobrindo; quer curar-se em saude, e diz que isto de casamento é coisa séria e de muita responsabilidade. Já cá te esperava, marau! Coitado, mal pensa elle que não é por amizade que lhe fazemos este favor. A Izabel parece que já anda resentida, e eu estou-me lavando em agua de rosas, e digo-lhe a elle que sim, que tem muita razão, e que é necessario a gente ter juizo—ao menos uma vez na vida—e vou-lhe fazendo cá em casa a cama o melhor que posso, mas n'esta parece-me que elle nunca se ha de deitar. Em fim será o que Deus quizer, e, abaixo d'elle, o sr. ministro, que é quem tudo pode n'este negocio. Em casa do compadre estão virados contra o sr. Fernandinho, e a mãe disse-me que até já tinham feito

uma promessa para que o casamento não fosse avante. Eu, se acreditasse n'isso, tambem encommendava um alferes de céra, e offerecia-o a Nossa Senhora, para ella me livrar d'este patife. D'oiro que fosse, não era caro por tão grande favor; mas elle é tão ruim, que mesmo d'oiro é natural que Nossa Senhora não m'o quizesse acceitar.»

Na Secretaria, onde perguntei em que alturas ia a pretenção, disseram-me que estava bem figurada, visto não terem ainda preenchido todas as vagas no exercito da Africa; e, attenta a protecção que o deputado do circulo lhe dispensava, parecia negocio feito. Effectivamente d'ali a poucos dias o ministro despachava o sargento Fernando da Silva para alferes d'um dos regimentos africanos.

Imagine-se a alegria de Torquato ao receber esta noticia. Agradecendo-me logo na volta do correio a parte que eu tivera n'esta empreza, o bom velho expressava-se n'estes termos: «Não deitei foguetes, porque não os tinha em casa, e d'ahi podiam chamar-me doido, mas a minha alegria foi tamanha, que até me parece que ouvi repicar os sinos cá dentro do coração.»

XI

Estava com effeito vencida a maior difficuldade, e affastado o mais imminente perigo, mas como acceitaria a pobre Izabel a sua nova situação?

Resistiria ao pungir acerbo da saudade, ou, coração inexperiente, vergaria ao sopro da paixão, tanto mais forte quanto era a primeira, e que na solidão em que ella vivia, não encontrava coisa alguma, que a distrahisse dos seus dolorosos pensamentos?

O que é certo é que, de todos os interessados na promoção do joven sargento, quem mostrou maior prazer não foi ella; parecia até admirada da satisfação com que o avô recebera e lhe dera aquella noticia, e na sua ingenuidade não atinava com a causa de tal reviramento da parte de quem por vezes manifestara bem pouca sympathia pelo preferido do seu coração.

Foi então que me apresentaram o illustre guerreiro, por quem eu me interessara. Era um rapaz alto e delgado, um exemplar soez do galan provinciano, um reles D. Juan, que trazia já, apesar da mocidade, na sua physionomia e em todo o seu physico, os stigmas da vida licenciosa, a que desde muito creança se entregara.

Fallou-me da vida militar como d'uma carreira que não lhe agradava, por causa das prisões da disciplina, e do seu futuro na Africa como de coisa que muito pouco lhe importava; insistiu n'umas banalidades, que se leem nas correspondencias do ultramar, e de Izabel nem uma palavra me disse!

Uma creatura insignificantissima e nada sympathica — eis a impressão que me fez o sr. alferes.

Chegado o momento da partida, despediram-se os dois, com a promessa e a esperança de se tornarem a ver d'ahi a um anno. Para ella este apartamento foi doloroso, mas para Fernando foi talvez um alivio.

— Adeus, disse elle ao avô de Izabel, que o acompanhara a bordo. Adeus, até á volta, se as febres me derem licença.

XII

Decorrera um anno, e o monotono viver dos dois habitantes da casa do Cardal só fôra alterado pela chegada d'alguma carta de Fernando recebida com intervallos, que iam progressivamente augmentando. Para a amante solitaria aquellas missivas, raras como eram, provavam-lhe que o adorado Romeu estava vivo, e tambem que, pelo menos no momento em que lhe escrevia, elle pensava n'ella, e isso era bastante, era tudo para o seu coração alanceado pela saudade e pelo receio de o perder.

As cartas repetiam os dizeres, e a ultima era egual á primeira: febres, jogo, algumas orgias, e maledicencia, eis o *menu* d'essas epistolas, que não saciariam a curiosidade d'um indifferente, mas que Izabel lia e relia incessantemente, porque lhe vinham do seu amado.

De tudo aquillo de que elle lhe fallava só as febres a atterravam; o restante, as orgias, o jogo, a maledicencia, eram coisas correntes, molestias da terra, que não matavam ninguem, e constituiam a côr local da sociedade portugueza n'aquellas colonias, onde se joga porque se fazem rifas, e onde se fazem rifas para se jogar. Orgias na Europa, onde ha theatros, clubs, academias litterarias e artisticas e saraus e bailes deslumbrantes, denunciam, nos que a ellas se entregam, uma grosseira e torpe devassidão; mas na Africa, onde não ha taes distracções, o que se ha de fazer durante as longas e tediosas horas da noite senão jogar, comer e beber? A maledicencia rasteira, alimentando-se de casos minusculos, é a unica occupação do espirito, unica e fatal, em terras como essas, em que todos se conhecem, se encontram, e estão em contacto intimo e permanente, e onde não ha movimento scientifico, litterario ou artistico de especie alguma.

Estava-se, porém, já no segundo anno, e na ultima carta que escrevera Fernando nada dizia do seu regresso a Lisboa. Ao entrar um dia na casa de Torquato, que andava por fóra, a primeira coisa que notei foi a pallidez e a tristeza maior de Izabel, que depois de trocadas as primeiras palavras me deu uma carta, pedindo-me que lh'a lesse. Bem lida estava ella, mas aquillo era um pretexto para desabafar comigo as magoas que a opprimiam. Quando lh'a restitui, ella ficou um pouco de tempo a olhar para mim, e disse-me:

— Então, que lhe parece?

— Parece-me que o Fernando está bom.

— Ah, sim, mas não é isso que lhe pergunto. Elle não me diz aqui quando volta.

— Talvez já dissesse nas outras. E depois faz agora um anno, e é possivel que ainda não alcançasse licença. A Izabel bem sabe que os militares não podem abandonar o seu posto.

— Sei, sei, mas o que eu desconfio é que não o torno a ver. É um palpite.

— Um palpite?!

— Sim, quando eu penso que alguma coisa ha de acontecer, acontece.

— Isso é imaginação da menina. O que está para vir a Deus pertence. Nós não adivinhamos.

— É que eu sei: teem-me dito muita coisa. Elle nunca pensou em mim...

— Como a menina pensa n'elle. Talvez que não.

— Eu, ás vezes, quasi me arrependo de ter olhado para ó Fernando. Emquanto elle era sargento nunca julguei que fosse mais do que nós, mas a primeira vez que o vi fardado de official não sei que idéa tive de que não podia nunca ser mulher d'elle, e elle proprio já me não parecia o mesmo.

— Essas coisas, que lhe contam agora, tinha sido melhor que lh'as dissessem antes, observei eu.

— Se elle quizesse, continuou ella, e tivessemos casado, eu acompanhava-o para onde elle fosse.

— E o seu avô? A menina deixava-o aqui sósinho entre estas quatro paredes?

Izabel baixou os olhos, e respondeu-me lentamente:

— Não, não deixava. Não podia ser.

— O Fernando não lhe merecia esse sacrificio, nem eu sei porque é que a menina gosta d'elle.

Izabel ficou muito tempo pensativa, e depois cravou em mim os seus olhos azues com uma expressão de sinceridade ineffavel.

— Porque gosto d'elle? Eu sei... porque fomos creados juntos, porque, quando eramos pequenos, em casa do compadre diziam que elle era o meu noivo, e eu córava muito, e ia-me esconder envergonhada, e assim continuámos a viver, e assim continuei a vel-o, e a pensar n'elle, como se não houvesse mais rapazes na terra, e depois um dia, elle, que é mais velho que eu, disse-me que gostava muito de mim, e perguntou-me se eu tambem lhe queria, e...

N'aquelle ponto da sua confissão Izabel parou, como se hesitasse, e a mim, não sei porque, passou-me pelo espirito aquelle delicioso verso da Francesca de Rimini:

La bocca mi bacciò tutto tremante...

— E a menina disse-lhe...

— E eu disse-lhe que sim...

(Continúa). *Zacharias d'Aça.*

RESENHA NOTICIOSA

Marrocos. Tem estado gravemente enfermo o imperador de Marrocos, chegando a haver suspeitas de envenenamento. Para o caso de morte do imperador, o que, se tal succeder, deve perturbar consideravelmente a paz do imperio, tem as potencias da Europa accordado em mandarem para alli alguns navios de guerra afim de protegerem os seus subditos que lá estejam. Portugal até esta data nada resolveu a tal respeito; entretanto em Marrocos vivem muitos portuguezes, pelo interesse dos quaes cumpre ao governo portuguez velar.

Allemanha e Russia. A entrevista que ultimamente teve logar entre o principe de Bismarck e o sr. Crispe ministro italiano, com respeito á alliança da Allemanha e Italia, faz prever um completo rompimento entre a politica allemã e a politica russa, passando a Allemanha para o campo dos inimigos da Russia. Isto põe a Russia em completa liberdade para proceder como melhor convier aos seus interesses, o que não deixará de ser aproveitado pelos outros estados da Europa, incluindo a França, a respeito da qual é bem conhecida a sympathia que merece á Russia. As conclusões que ha a tirar d'isto são faceis de encontrar com relação á paz da Europa e á sorte dos pequenos Estados da Roumania, Servia e Grecia, dado o caso de vir a estabelecer-se a hegemonia austriaca nos Balkans.

Revolução feminina. As cigarreiras das fabricas de tabacos, de Madrid, em numero de 7:300, insurreccionaram-se contra as determinações da nova empreza concessionaria. Devia ser muito respeitavel esta revolta de sete mil e tresentas mulheres, que pugnavam pelos seus interesses e pelo pão de seus filhos. A revolta porém apaziguou-se chegando as cigarreiras a accordo com a empresa.

Canal de Suez. Vae ser illuminado este canal, para o que ha o seguinte projecto: a distancias de 2:500 metros serão levantadas torres que terão um cylindro de ferro, cheio de gaz que illuminará uma alampada que deve durar accesa 60 dias. Para renovar os depositos de gaz haverão rondas volantes que percorrerão toda a extensão do canal. O numero de torres necessarias está calculado em sessenta, e a construcção de cada torre deve importar em 1:080$000 réis ou réis 64:800$000 a obra completa.

Uma nova companhia de seguros mutuos. Com o titulo de *Seguros Mutuos Theatraes* acaba de se estabelecer em Paris uma sociedade para indemnisar os espectadores e empregados dos theatros, de qualquer damno que possam soffrer proveniente de incendio no theatro. Para se effectuar o seguro basta que cada espectador pague junto com o seu bilhete de entrada, mais 10 centimos (ou 18 réis da nossa moeda) e isto lhe dá direito a uma indemnisação, em caso de prejuizo, de 10:000 francos ou 1:800$000 réis.

E se morrer que especie de indemnisação lhe dará o seguro?

Historia Natural. Mr. Barrois, naturalista amador, francez, descobriu nas costas das ilhas de S. Miguel e Terceira, onde andou em exploração, varias especies de moluscos e conchas ainda desconhecidos.

Exposição de Cadiz. A exposição maritima em Cadiz tem chamado grande concorrencia de navios áquelle porto e de viajantes á cidade. Cadiz tem estado em permanente festa, succedendo-se os banquetes, os bailes, as representações, as regatas, etc. O nosso consul, sr. Antonio de Faria, filho do sr. Visconde de Faria, consul geral portuguez, em França, e da sr.ª Viscondessa de Faria, tem-se distinguido pela sua illustração, entre as authoridades extrangeiras que tem tomado parte nas festas.

Barco Salva-Vidas Carlos Relvas. Foi justamente considerado na exposição internacional de Lyon, o barco salva-vidas inventado pelo sr. Carlos Relvas, e de que o Occidente se occupou em o n.º 183 correspondente ao 7.º vol. O humanitario invento mereceu do jury d'aquella exposição o conferir-lhe o grande diploma de honra, medalha de ouro de 1.ª classe e insignia. Na exposição de Boulogne-sur-mer, onde tambem concorreu, foi-lhe conferido o grande diploma de honra.

Monumento de José Estevão. Deve estar dentro em pouco concluida a estatua de José Estevão destinada ao monumento que os artistas de Aveiro resolveram levantar á memoria do grande tribuno portuguez. A estatua, cujo modelo é do insigne esculptor sr. Simões d'Almeida, está quasi toda fundida, e o sr. Simões d'Almeida trabalha agora na conclusão do modelo da cabeça.

Viagem em balão ao polo norte. A imprensa americana occupa-se largamente do projecto de um engenheiro americano que pertende ir ao Polo Norte em balão. O aeronauta propõe-se levar em sua companhia dez viajantes, que para

PONTE PEDRINHA

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. A. Lamarão)

terem o prazer de arriscar a pelle, pagarão ainda por cima 1:000 dollars cada um.

A CHINA TRANSIGE. Noticias da Tien-Tsin affirmam que foi concedido a um syndicato americano a exploração de uma rede telephonica na China. Esta concessão será valida por quarenta annos e restringe-se apenas aos portos de mar.

MANUSCRIPTOS ARABES. O sultão da Turquia nomeou Cheik Mouhamen Mahmond-Chenkets-Effendi, sabio arabe, para vir a Hespanha estudar os manuscriptos arabes que existem na bibliotheca do Escurial e outras.

EXPOSIÇÃO DE LOIÇA ARTISTICA DAS CALDAS. Deve abrir-se brevemente nas salas do Atheneu Commercial do Porto uma exposição de loiça das Caldas da fabrica dirigida pelo artista Raphael Bordallo Pinheiro.

UMA OFFERTA DA IMPERATRIZ DA ALLEMANHA A LEÃO XIII. A imperatriz da Allemanha offereceu a Sua Santidade o Papa Leão XIII uma rica casula bordada a ouro por suas proprias mãos.

MONUMENTO FUNEBRE A ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR. A Associação Industrial Portugueza abriu uma subscripção publica, para com o seu producto, levantar no cemiterio occidental de Lisboa um mausoleu que encerre os restos mortaes de Antonio Augusto de Aguiar, que foi presidente d'esta sociedade. É de esperar que esta subscripção seja bastante concorrida, e que a Associação Industrial Portugueza possa erigir um monumento digno do homem que tantos serviços prestou á industria nacional.

TERRAS DE MACANGA. Por noticias recebidas de Tete sabe-se que entraram deffinitivamente na posse do governo portuguez as terras do antigo reino de Macanga. Foi em 19 de abril ultimo que o governador do districto, coronel Cesar de Oliveira Gomes, acompanhado do delegado de saude sr. Pedro Paulo Fermiano de Sousa, do capitão Carvalho, do padre Hiller e do tenente (actual commandante militar e capitão-mór de Macanga) Augusto da Fonseca de Mesquita e Solla, se dirigiu ás terras de Macanga e depois de tres audiencias solemnes dadas aos grandes d'aquellas terras, que para esse fim se tinham reunido em Muchena, installou o commando militar, lavrando-se o competente auto de posse.

CASAMENTO DO DUQUE DE CADAVAL. Celebrou-se no dia 4 do corrente, em Pau, o casamento do sr. duque de Cadaval, com uma irmã do sr. conde de Zileri, genro do sr. conde de Azambuja. Parece que o nobre duque vem estabelecer a sua residencia em Portugal.

UM MAESTRO PORTUGUEZ NO EXTRANGEIRO. O sr. visconde de Arneiro, distincto compositor e maestro portuguez, auctor da *Herodiade* e outras operas applaudidas, está em Barcelona, onde estabeleceu um curso musical para amadores e para artistas, que de certo muito devem aproveitar com as lições de tão abalisado professor.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Africa Occidental, *album photographico e descriptivo*, por J. A. da Cunha Moraes, etc., David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculos 50 a 53 pertencentes á terceira parte d'esta obra que comprehende: vistas de Novo Redondo, Benguella, Catumbella, Dombe, e typos do Bihé, Caconda, Ganda, etc. Este album é extremamente curioso pela profusão de vistas e typos do paiz africano, que tanto convem vulgarisar.

Galeria de Poetas, *perfil litterario dos poetas paraenses contemporaneos* — 1.º, *Paulino de Brito*, por Marques de Carvalho, Pará, 1887. Folheto de 64 paginas e 2 de indice e erratas, primeiro de uma collecção que sob o titulo acima dito vae ser publicada. Paulino de Brito é uma das sumidades da litteratura paraense, e o sr. Marques de Carvalho fazendo o seu perfil expressa-se n'estes termos, no principio da sua obra: «O nome que acabo de traçar é o de um dos mais valentes litteratos amazonicos. No Pará, ninguem talvez mereça antes d'elle este preito de homenagem litteraria: Paulino de Brito é um dos mais salientes perfis das letras paraenses. Espirito são, poeta com um sentimento joeirado, romancista observador, está labutando sempre, creando sem cessar. Acontece-lhe o mesmo que a todos os litteratos de raça: entrega-se completamente ás letras e certo morreria se o obrigassem a d'ellas separar-se. Missão agridoce, trabalho enorme, hybrido, que encerra fulgores olympicos e penumbras tempestuosas, que dá encantos indiziveis e desgostos irrenarraveis!»

Historia da Revolução de 1820, *illustrada*, etc., por José d'Arriaga, Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Fasciculo 17 e 6.º do segundo volume d'esta importante obra, cuja publicação está sendo feita com toda a regularidade em edição esmerada.

O Elegante, *jornal de modas para homens, dedicado particularmente aos alfayates*, etc. David Corazzi editor, Lisboa. N.º 52 d'este periodico mensal que vae já no quinto anno de publicação, o que bem mostra o bom acolhimento que tem tido e de que é credor, pois em verdade é, no seu genero, uma publicação muito completa e que prehenche perfeitamente o fim a que se destina.

Bibliotheca do Povo e das Escolas. David Corazzi editor, Lisboa. n.º 149 *Marinha Portugueza* por João Braz de Oliveira, primeiro tenente da armada. N'um folheto de 64 paginas é impossivel escrever a historia da marinha portugueza, porque ella importa a melhor parte da historia de Portugal. O autor da *Marinha Portugueza* tanto reconhece isto que no principo do folheto diz: «Escrever a Historia da Marinha Portugueza seria desenvolver em largos capitulos a Historia de Portugal...» Entretanto o sr. Braz de Oliveira resumiu esta historia e tocando os pontos mais importantes fez obra muito para se lêr e utilisar.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa